

EXPLODIR PARA BAIXO

Como o Problema Duro da Consciência altera o Inconsciente

Manuel Curado

(Conferência no colóquio *A Mente (In)consciente: 150º aniversário do nascimento de S. Freud, 50º aniversário das Ciências Cognitivas*, organizado conjuntamente pela Sociedade Portuguesa de Psicanálise e pela Sociedade Portuguesa de Ciências Cognitivas, a 14 de Outubro de 2006, na Universidade Católica Portuguesa, em Braga)

Os anos 90 redescobriram a consciência. Durante boa parte do século XX, o behaviorismo e depois o cognitivismo não souberam o que fazer dela. Da parte da filosofia, a situação não era melhor. Porém, nos últimos anos aconteceu um extraordinário aumento do interesse pelo assunto. Penso que estas investigações alteram a nossa compreensão tanto da parte consciente da mente humana, quanto da parte inconsciente. Tomarei um dos aspectos destas investigações recentes, o que é conhecido como o problema difícil ou duro da consciência, para sondar algumas relações entre as duas partes da mente.

Por que razão existe consciência no mundo físico quando é pensável a sua não existência?

Esta é a formulação geral do problema duro ou difícil da consciência. De facto, a pergunta sugere apenas que poderíamos ser totalmente inconscientes e ter um comportamento ponto a ponto indiscernível do comportamento de seres conscientes. A pergunta não é escandalosa porque este tipo de questões pode ser colocado a respeito de qualquer coisa à nossa volta. Aliás, este tipo de questões faz parte da essência de qualquer terapia porque, se não se assumir que uma doença ou distúrbio pode não existir, cada uma destas condições parecerá tão inabalável quanto uma lei da natureza. Esquecemo-nos muitas vezes, porém, que tal como o patológico pode não existir, deixar de existir ou existir de modo diferente, também o normal pode não existir, deixar de existir ou existir de modo diferente.

Existe, contudo, uma formulação que sublinha os aspectos particulares do problema duro. Por que razão a consciência é como é quando poderia ser de muitos outros modos ou, mesmo, não existir de todo? A diferença entre as duas formulações é marginal porque, se uma delas puder ser melhor compreendida, a outra também será melhor compreendida; se uma delas tiver solução, a outra também terá solução. A segunda

formulação procura fragmentar o problema geral de modo a que ele possa ser melhor compreendido. Quando alguém sente uma queimadura, por que razão sente precisamente essa queimadura? Poderia sentir muitas outras coisas; por exemplo, poderia sentir o que sente quando a broca do dentista toca num nervo dos seus dentes. Os filósofos gostam de complicar e descrevem esta situação afirmando que todas as nossas sensações poderiam ser diferentes do que são ou que poderiam estar trocadas entre si.

Temos que imaginar a vida de uma pessoa como um conjunto de sensações e de experiências. A vida das pessoas parece um conjunto em que se incluem o sabor a chocolate, as cócegas, os desejos, as queimaduras e milhares de outras experiências. Cada uma delas pode ser considerada um conteúdo do filme da vida de cada pessoa. Como as pessoas habitualmente não estão a dormir e não estão em coma, cada uma das coisas que sentem é um conteúdo da sua consciência. Uma queimadura banal tem, pois, muitas surpresas. O facto de alguém sentir uma queimadura está ligado a algum papel funcional dessa dor? Esse papel funcional poderia ser realizado por qualquer outra sensação em geral, ou por qualquer outra sensação do conjunto das sensações desagradáveis? As queimaduras podem ser substituídas por experiências mais agradáveis, como o sabor a batido de morango. As sensações que um batido de morango provoca num ser humano são tão enigmáticas quanto a sensação de queimadura.

Se juntarmos as sensações e as experiências segundo as suas parecências, é óbvio que o sabor a morango é mais próximo do sabor a banana do que da sensação de ouvir a abertura da Quinta Sinfonia de Beethoven. Esses conjuntos de sensações e de experiências são conhecidos como estruturas da consciência. Existem várias, não muitas, dessas estruturas, apesar de o seu número ser inferior ao das sensações que uma pessoa pode sentir ou das experiências que uma pessoa pode experienciar. Eis uma pequena lista delas: atenção, memória, emoção, racionalidade, percepção visual, percepção auditiva, etc. O problema com cada uma destas estruturas é semelhante ao problema com cada uma das sensações que alguém pode sentir. Cada estrutura pode ser pensada como não existindo ou como tendo propriedades muito diferentes das que possuem as actuais estruturas da consciência dos seres humanos.

A segunda formulação do problema duro é, eventualmente, melhor compreendida do que a primeira formulação porque a mera possibilidade de os conteúdos e as estruturas da consciência serem diferentes do que são ou não existirem de todo é verificada no quotidiano. É fácil encontrar seres humanos com problemas graves de memória e de atenção, por exemplo. Se as formas de cultura, a informação, as crenças e os traços de personalidade são muito diferentes em todos os seres humanos, é interessante investigar se o que alguém sente também poderia ser muito diferente ou não existir de todo. Como cada uma das características da consciência

humana pode ser perspectivada deste ponto de vista, a formulação parcial não é diferente da formulação geral do problema duro. A consciência que os seres humanos sentem que têm poderia não existir de todo ou poderia ser muito diferente de como é.

Para compreender estas questões, é importante que cada um as coloque a respeito de si mesmo. São as suas sensações e experiências que estão em causa e que são enigmáticas. O que neste preciso momento está a sentir é, para a ciência contemporânea, tão enigmático como a origem do universo. É extraordinário, não é? Se o que estiver a sentir for o cheiro a café, fique a saber que não há nenhum livro, nem universidade, nem Prémio Nobel que explique por que razão cada um de nós sente o cheiro a café! Cada um de nós é, tal como todos os seres humanos, um conjunto de átomos e de campos de forças, exactamente como o seu automóvel e o seu frigorífico. Se estes objectos não sentem coisa alguma, por que razão sentimos o que sentimos? Se calhar, até pensamos que os nossos átomos são especiais...

Este é o estado do debate em torno do problema difícil ou duro da consciência. Alguém já o denominou a bomba escondida no edifício da ciência. Se explodir, a nossa ciência natural será muito diferente. Até agora, ninguém faz a mínima ideia por que razão existem experiências subjectivas no mundo. Ninguém. O estado do nosso conhecimento não avançou nada em relação a Descartes, Locke ou Reid. Onde o primeiro colocou a glândula pineal, temos nós agora uns génios das Neurociências que inventaram a linha de investigação chamada correlatos neuronais da consciência. Talvez venha a ser útil essa investigação. Talvez. Por agora, não adianta grande coisa porque não nos auxilia a compreender por que razão uns bocaditos de carne como nós sentem, quando poderiam não sentir o que quer que seja.

Falando em primeira pessoa, acredito que, apesar deste problema não ter ainda solução, o próprio problema é interessante. De facto, é um problema incrível. O problema em si mesmo é uma lente que amplifica a visão que temos do real. Tendo isto em atenção, agarrarei no espírito do problema duro da consciência para mergulhar no inconsciente. Trata-se disto mesmo: explodir para baixo.

O TAMANHO DAS COISAS CONSCIENTES E INCONSCIENTES

Para além dos conteúdos da consciência (percepção externa, percepção interna, memória, intencionalidade, emoção, racionalidade, etc.), os elementos óbvios da consciência são os objectos percebidos no mundo,

objectos que parecem ter uma existência autónoma. Os objectos macroscópicos que parecem ter realidade autónoma revelam pela sua mera existência os constrangimentos evolutivos da consciência. Como afirma Sir John Maddox, o célebre editor da revista Nature, «a nossa compreensão intuitiva de como se comportam os objectos no mundo macroscópico ... é baseada nas percepções dos nossos sentidos, os quais são eles próprios os produtos evolutivos da selecção natural num mundo em que evitar objectos macroscópicos (predadores) ou a sua captura (comida) teria favorecido a sobrevivência das espécies. É difícil imaginar qual teria sido a vantagem selectiva que os nossos antepassados obteriam de uma capacidade para sentir o comportamento de partículas subatómicas».

Por que razão os seres humanos percebem objectos macroscópicos não excessivamente grandes e não subatómicos? Porque no passado longínquo da espécie humana existiu uma vantagem evolutiva na percepção de objectos macroscópicos e os seres que deram origem aos seres humanos não tiveram nenhuma vantagem evolutiva em perceber mesões, raios X ou grupos de galáxias. Percebemos o dia, a noite, as fases da lua e as estações do ano, mas não, por exemplo, a deslocação do sistema solar em torno da Via Láctea. Não há ninguém que sinta períodos de tempo de nanossegundos, trinta mil anos ou de duzentos e cinquenta milhões de anos. Esta sugestão de Maddox é fascinante. Demonstra, do ponto de vista da própria consciência, que esta possui um papel na sobrevivência dos indivíduos. A descrição dos objectos percebidos por um ser humano é, deste ponto de vista, um mapa do papel causal da consciência. A mera descrição de uns objectos e não de muitos outros possíveis já é um indício de que os seres em cujos espaços perceptivos estão objectos macroscópicos são os actuais vencedores da luta pela existência e que as percepções que têm e que, no passado, tiveram influenciaram o sucesso dessa luta.

A descrição de objectos macroscópicos por seres humanos é, assim, tão importante em termos de sucesso evolutivo quanto a faixa da savana na percepção dos leões. Os leões não têm qualquer vantagem em perceberem numa banda do espaço visual diferente da faixa da savana porque esta proporciona a melhor informação possível sobre as presas dos leões. Que a percepção dos leões tenha uma estrutura visual conhecida como a faixa da savana é, por conseguinte, um indício de que essa estrutura contribuiu e contribui para o sucesso dos leões. Leões cegos não caçam. Leões que vêem em 360° também não caçam porque são distraídos por excesso de informação. A arquitectura desta situação é clara: nada é mau, um é melhor mas ainda mau, muitíssimo é bom mas tende para mau e infinito é mau de todo. A zona óptima da consciência dos seres vivos parece ser a intermédia, mais para o lado do pouco do que do muito.

Apesar da arquitectura desta sugestão poder ser explorada no futuro de modo a provar a conjectura de que a consciência possui um papel na sobrevivência e no sucesso dos indivíduos, muitos dos seus aspectos são

problemáticos. Não é claro que as estruturas da consciência tenham acompanhado os seres em todos os períodos da sua vida e ao longo do passado filogenético. Não é igualmente claro que autómatos que consigam reconhecer o espaço visual não fossem igualmente bem sucedidos. O facto de a consciência desempenhar um papel útil não é em si mesmo um obstáculo a que um sistema inconsciente possa fazer melhor.

Mergulhemos, pois, no inconsciente. Não parece implausível que a mesma linha de pensamento que se aplica ao número e ao tamanho dos objectos que percebemos se aplique a manifestações do inconsciente.

Quero marcar bem esta ideia. Ao contrário o que se pensa, a nossa vida mental consciente é muito pobre. Hoje mesmo, desde que acordámos, quantos objectos passaram pela nossa consciência? A resposta é sempre a mesma porque depende de um equilíbrio computacional: um objecto é mau, infinitos objectos também seria mau; fica, pois, a zona intermédia, entre um e infinito. Nesta zona intermédia, o número de objectos que ocupa a nossa consciência é diminuto, i. e., é mais para o lado do pequeno do que para o lado do grande. Resumindo tudo: a nossa consciência ocupa-se de meia dúzia de objectos durante a nossa vida acordada, se tanto. Objectos perceptivos, amorosos, cognitivos, até religiosos. O nosso coração e as experiências conscientes que o acompanham não é capaz de amar um milhão de pessoas ao mesmo tempo, nem de ter crença total em mil credos religiosos. É sempre a mesma coisa. Temos uma conscienciazita de trazer por casa. Agora ocupa-se de umas coisas, e depois ocupa-se de outras.

Isto não depende de cada um e não há nada a fazer. Trata-se de um limite computacional e da manifestação da lei dos rendimentos decrescentes. Investes um pouco e tens retorno; investes mais um pouco e tens ainda mais retorno; se investires prodigiosamente mais, o teu retorno não será prodigiosamente elevado; pode, até, ser negativo.

Se a nossa consciência mostra que não somos uma excepção nos limites computacionais do mundo, o inconsciente também será mais para o lado do pequeno do que para o lado do grande. Esta é a conjectura que vos ofereço. Como se repara, é contra a intuição geral e contra a crença dominante. Sempre entendemos o inconsciente como uma reserva inesgotável de elementos para a nossa criatividade. O inconsciente parece ser o armazém de memórias, de problemas por resolver, de intuições criativas, a fonte dos sonhos. Este discurso é claramente laudatório. O seu espírito é o seguinte. Já que não estamos no centro do Universo e já que a nossa consciência não é um espelho privilegiado do Universo, alguma coisa nos seres humanos deve ser infinita. Como não aguentamos a ideia de que não valemos nada mais do que as orquídeas, do que os tigres ou do que as

gaivotas, inventamos um discurso que elogia o inconsciente. Aí, dizem, somos infinitos.

Não há nada que demonstre que o inconsciente é radicalmente diferente da consciência. O problema duro auxilia-nos a ver isso mesmo. Tal como poderíamos ser autómatos inconscientes sem sentir o que quer que fosse, também poderíamos ser indivíduos sem vida inconsciente, qualquer que seja a manifestação desse inconsciente.

Eis algumas pistas para reforçar esta conjectura.

Os sonhos são um dos elementos mais conspícuos do discurso laudatório que fazemos a propósito do inconsciente. Parecem ser a reserva do infinito da mente humana. Bem, talvez se possa ver o assunto com mais moderação. A história dos sonhos no Ocidente, desde os primeiros que foram registados, como os da *Ilíada*, é banal. Os motivos oníricos ou a colecção de temas dos sonhos é de uma pobreza monumental. Sonhamos praticamente todas as mesmas coisas e nos mesmos moldes. Os detalhes são obviamente diferentes; a gramática fundamental é a mesma.

Suponha-se que no futuro existirão bases de dados com todos os registos oníricos possíveis e com todas as possibilidades de actividade REM do cérebro. Os velhos catálogos de conteúdos oníricos como o de Artemidoro serão desenvolvidos até um ponto em que não podem ser melhorados. Nessa base de dados estarão todas as estruturas oníricas que são acessíveis aos seres humanos, algo como um Neurométrico para os sonhos (o Neurométrico é uma base de dados de EEGs). Estudando os registos dessa base, talvez se descubra que existem motivos oníricos comuns a todos os seres humanos, se não em todos os anos da vida dos indivíduos, pelo menos numa determinada faixa etária (sonhos de bebés, de adolescentes, etc.).

Carl Sagan produziu uma notável antevisão desta ideia. Para Sagan, o motivo onírico da queda é comum a todos os seres humanos, tal como o motivo onírico e estético que representa o mal com os traços das serpentes. Estes motivos oníricos testemunham, do seu ponto de vista, o passado filogenético dos seres humanos, período em que os antepassados dos humanos habitavam as copas das árvores. Para seres que habitam a copa das árvores, os maiores perigos são a queda e os poucos predadores que conseguem subir às árvores, como as serpentes. Estes motivos oníricos podem ser interpretados como desempenhando uma função pedagógica para que os humanos se afastem dessas duas origens de danos. A mera existência destes conteúdos oníricos nos sonhos de todos os seres humanos constituiria um indício de como a mente actua sobre o mundo: antecipando experiências potencialmente perigosas.

Por que razão temos um número tão pequeno de motivos oníricos? Bem, a primeira razão é a de que não temos recursos cognitivos infinitos. Estamos sempre a sonhar o mesmo tal como estamos sempre a prestar a atenção a meia dúzia de assuntos.

A segunda razão é a de que o nosso inconsciente também faz parte do mundo que Darwin contribuiu para explicar. A colecção de motivos oníricos e a própria actividade onírica existem porque desempenham um papel na sobrevivência dos indivíduos. De facto, são parte do escafandro com que mergulhamos no oceano da vida. Sem escafandro, não resistiríamos ao oceano; o problema é o de que aquilo que permite a vida tem um preço; só vemos o que está no escafandro, e as nossas pobres vidas passam como jogos de crianças a brincar. Mudamos a posição dos brinquedos no escafandro, entretemo-nos num jogo de crianças chamado vida adulta, até que tudo passa. Do oceano, não vemos nada.

O inconsciente, tal como a consciência, tem que ser explodido a partir de dentro. Nem um nem outro valem grande coisa, isto é, valem como ferramentas, como músculos, como o fígado. Não valem para viver a sério. Somos reféns do inconsciente que temos e da consciência que temos. Eles vivem, sentem e sonham como se fossem programas de computador a correr livremente. Um dia o programa pára e lembramo-nos de que nos esquecemos de viver.

A CONSCIÊNCIA PROSTÉTICA E O INCONSCIENTE PROSTÉTICO

Toda a nossa vida mental, tanto consciente quanto inconsciente, é o jogo que temos que jogar. Porém, não há qualquer argumento válido que nos obrigue a ficar reféns da nossa vida mental. Nunca ficámos reféns de qualquer natureza, por isso mais tarde ou mais cedo temos que começar a pensar na superação técnica do nosso inconsciente e da nossa consciência. Tudo indica que esse é o caminho. Não devemos nada à natureza humana e, se tivermos boas razões para a alterar, que a alteremos. Podemos pensar, pois, em inconscientes feitos por medida e em consciências feitas por medida. Em resumo, em próteses mentais.

O saber é o primeiro episódio do fazer. Se se sabe como é, então pode ser feito. O debate em torno do problema duro obriga-nos a pensar o que faz a consciência no mundo. Se sabemos o que faz, podemos fazer diferente e podemos tentar fazer melhor. A mesma linha de inquérito deveria ser aplicada ao inconsciente. Por que razão existe inconsciente, quando poderia não existir ou poderia ser muito diferente do que é? Logo que soubermos responder a esta questão, estaremos em condições de termos o inconsciente que desejarmos ter. Felizmente, vivemos numa época histórica que começa a inventar tecnologias de indução de estados mentais. Esta é uma velha tradição do pensamento europeu, apesar de não parecer. O facto de estas coisas já terem sido pensadas há muitos séculos permite compreender os desafios futuros.

Robert Hooke, o Leonardo da Vinci de Londres, descreveu no século XVII uma época futura em que se saberá

como induzir experiências conscientes novas porque se saberá compensar as deficiências dos sentidos naturais com próteses sensoriais. Se os sentidos naturais podem ser auxiliados por próteses, por que razão não poderão ser completamente substituídos? A conjectura de Hooke, como poderia ser denominada, é a de que as experiências conscientes feitas nascer artificialmente podem ser cada vez mais predominantes e, no limite, exclusivas. Esta conjectura não pôde ser formulada durante muito tempo devido à crença na excepcionalidade do ser humano na natureza. Esta crença pressupõe que as experiências conscientes humanas são únicas na ordem natural. Nada na natureza parece rivalizar com a consciência humana. Porém, como as próteses criam experiências conscientes fora da ordem natural, se toda a consciência humana for composta de experiências artificiais, talvez os seres humanos prefiram as experiências artificiais às naturais. Seja como for, a mera hipótese de a consciência natural ser progressivamente substituída por uma artificial permite compreender o que faz a consciência natural no mundo físico. Dizendo de outro modo: se se entender a consciência humana como algo que pode ser melhorado ou substituído com próteses, os problemas ligados à consciência (subjectividade, identidade pessoal, responsabilidade pelos próprios actos, vontade assassina, crença religiosa, propensão ao suicídio político, etc.) serão solucionados. Não há razão em princípio para que toda a consciência não seja prostética e para que os seres humanos não utilizem as formas prostéticas.

Afirma Hooke no prefácio da *Micrographia*, de 1665, que «a próxima tarefa a ser realizada a respeito dos sentidos é a de remediar as suas debilidades com instrumentos, como se se tratasse de acrescentar órgãos artificiais aos naturais ... e da mesma forma que os óculos melhoraram grandemente a nossa visão, não é improvável que se possam encontrar muitas invenções mecânicas que melhorem os nossos sentidos da audição, do cheiro, do sabor e do tacto».

A importância da sugestão de Hooke deriva da latitude de variação dos sentidos. É precisamente porque os sentidos não têm apenas um grau de acuidade que as próteses podem ser aplicadas como compensação dos sentidos naturais. Como os sentidos dos seres humanos podem ser melhorados, seguem-se várias consequências. Os sentidos não são estruturas permanentes, isto é, nascem, desenvolvem-se, por vezes têm problemas e por vezes esses problemas podem ser solucionados. A possibilidade de melhorar os sentidos naturais é um indício importante de uma outra possibilidade, a de fazer nascer muitos outros sentidos não naturais. E como estas duas consequências podem ser generalizadas, o que vale para a colecção de todos os sentidos dos seres humanos, vale também para a totalidade da vida mental ou consciência. Assim, precisamente porque se sabe que os sentidos podem ser melhorados, sabe-se também que o aparecimento da consciência na história da Terra foi uma forma que a natureza encontrou de melhorar os seres biológicos. Todos os seres vivos da Terra poderiam ser meros

autómatos sem consciência, mas são seres conscientes.

Esta ideia de Hooke está igualmente presente noutros autores clássicos. Montaigne, na Apologia de Raymond Sebond, lamenta que por vezes os seres humanos fiquem sem dois ou três sentidos e afirma que seria desejável que se inventassem oito ou dez sentidos se quisermos saber mais sobre assuntos elevados como a essência da verdade. Diderot, na Carta sobre os Cegos, descreve como o professor de óptica de Cambridge, Nicholas Saunderson, conseguiu encontrar modos prostéticos de compensação da visão que lhe faltava.

Várias ideias importantes estão aqui presentes: a melhoria por compensação de uma situação imperfeita; o acrescento de órgãos artificiais aos naturais; a crença de que o natural não tem um conjunto canónico de órgãos sensoriais mas que se adaptaria a um conjunto diferente; o argumento por exemplo de sucesso anterior (se os óculos compensam os defeitos da visão, por que razão os outros sentidos não poderão ser igualmente compensados?); o sentido de totalidade e de não exclusão de qualquer outro sentido.

Estas sugestões fazem com que seja plausível fazer nascer ad libitum os conteúdos da mente dos indivíduos e de alterar radicalmente a estrutura das sociedades. Não há nenhum teorema de impossibilidade que demonstre que o programa de Hooke não pode ser actualizado, e, nos séculos que se seguiram, foi de facto realizado com sucesso. De qualquer modo, estamos apenas a começar.

O universo prostético contemporâneo ainda continua a tentar fazer compensações de insuficiências dos sentidos naturais. Mas não só. Às próteses ópticas e mecânicas do tempo de Hooke, acrescentaram-se fármacos e investigações sobre programação e reprogramação neuronal. O desenvolvimento de técnicas indutoras de conteúdos fenoménicos não naturais deixou de ser um programa para passar a ser uma realidade. Um indivíduo do século XXI experiencia formas de consciência que nunca no passado foram experienciadas. A situação deixou de ser excepcional mas este facto ainda não ocupou o centro do debate intelectual.

À data de 1999, o Hastings Center calculou que três milhões de pessoas vivem com implantes artificiais subcutâneos. À lista de próteses do peito, dos seios, do queixo, do cabelo, dos membros de locomoção, dos dentes, foram acrescentados artefactos prostéticos de membros biónicos, de pacemakers cardíacos, hormonais, microbombas de auxílio aos sistemas pulmonar e circulatório, bombas bioquímicas que substituem ou aumentam partes dos sistema nervoso e neuroendócrino, etc. É improvável que a reconstrução prostética do ser humano não tenha nenhuma consequência no modo como se pensa a consciência e o inconsciente, e, sobretudo, que não os altere. A improbabilidade aumenta quando se considera que os conteúdos e estados da mente humana consciente e inconsciente são sensíveis a múltiplas influências externas. A independência da mente individual em relação à reconstrução prostética do ser humano está em contradição com todo o outro conhecimento científico da natureza.

Se agora se começa a saber como fazer nascer estados de consciência não naturais, ou se, pelo menos, se demonstrou a possibilidade técnica de o fazer, a crença que geralmente se tem de que a mente humana é a todos os títulos excepcional na ordem natural atenua-se. A experiência dos conteúdos da consciência induzidos artificialmente não é diferente da experiência de conteúdos naturais da consciência. Ambos compartilham um conjunto de propriedades comuns: diferença relativa, níveis de intensidade, aparência de exterioridade em relação ao sujeito, sentimento de evidência que os acompanha, etc.

As distinções entre fantasia e realidade serão atenuadas ou até apagadas à medida que as simulações e as próteses dominarem a vida quotidiana. Aldous Huxley compreendeu como ninguém a possibilidade de utilização política de indutores de estados mentais.

A indução de conteúdos da mente (experiências, crenças, percepções, memórias) por fármacos, alteração dos padrões de comportamento, tecnologias avançadas, etc., altera o modo habitual de entender a origem do comportamento humano. A indução faz nascer conteúdos da consciência. Alguém que controle a tecnologia da indução estará frente aos conteúdos que dela resultam numa posição privilegiada. Um sucessor do programa de Hooke não apenas saberá tudo quanto há a saber sobre os módulos sensoriais e sobre o cérebro, como saberá fazer nascer. Saber fazer nascer não é apenas conhecer os objectos. Saber fazer nascer é uma perfeição ao modo do argumento de S. Anselmo. Quem sabe fazer nascer é um criador e não apenas um conhecedor.

Tudo o que acabei de afirmar parece muito sofisticado e distante no futuro. Todavia, é uma realidade velha. Sempre existiram técnicos da alteração de estados mentais. Não existe poder social sem que se domine a técnica de fazer com que os outros acreditem no que deve ser acreditado e que façam com amor e vontade o que não têm amor e vontade de fazer. Todos sabemos quem foram e são esses técnicos: xamãs, medicine men, feiticeiros, sacerdotes, políticos, professores, médicos e psicanalistas. A matéria-prima destas profissões não é a saúde, nem o religioso, nem o educativo, mas o político. Todos são administradores da actividade mais amada pelos seres humanos: domínio e imposição do poder.

Estamos, pois, livres para escolher os catálogos de conteúdos e estruturas do nosso inconsciente. Se podemos alterar o fluxo da consciência, por maioria de razão poderemos alterar a determinação inconsciente do comportamento.

Aquela que parece ser a única verdade da ciência mental é esta: não podemos ser reféns daquilo que sabemos que somos, nem daquilo que não sabemos que somos. Tanto o que sabemos que somos, quanto o que não sabemos que somos deve ser substituído por aquilo que queremos ser.

CONTACTO

Prof. Manuel Curado
Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas
Campus de Gualtar
4710-057 Braga
Portugal

Telefone: +351253604170

Fax: +351253676387

Email accounts:

jmcurado@ilch.uminho.pt

manucurado@gmail.com

Jornal de Ciências Cognitivas

Sociedade Portuguesa de Ciências Cognitivas

Novembro de 2006

<http://www.jcienciascognitivas.home.sapo.pt>



Menu

Novembro de 2006

ISSN 1646-365X

[Edições Anteriores \(arquivo - 5\)](#)

[Sugestões de Leitura](#)

[Bibliografia](#)

[Divulgação](#)

[Ligações](#)

[Próximos números](#)

EXPLODIR PARA BAIXO

Como o Problema Duro da Consciência altera o Inconsciente, Manuel Curado

Os anos 90 redescobriram a consciência. Durante boa parte do século XX, o behaviorismo e depois o...

A neural network for intentionality?, Miguel Santos

Intentionality has long been a subject of philosophical discussions and it seems that there is not a single definition for this word. The goal of this text is not to achieve a precise definition for this concept, but to try...

Editor

J. M. CURADO

Redacção

J. A. ALVES

J. C. MAJOR

Conselho de Redacção

Alexandre Castro CALDAS

Alfredo DINIS

Augusto SILVA

J. M. CURADO

Judite ZAMITH

Rui RAMOS

[E-mail](#)

Crónica

Curso de Neurociência Teórica

Entre os dias 19 e 21 de Setembro decorreu na Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa o I Curso de Introdução à Neurociência Teórica, que resultou da colaboração entre a Sociedade Portuguesa de Ciências Cognitivas e o Curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia de Braga. Este curso foi leccionado na sua totalidade pelo Prof. Doutor Paulo Aguiar, investigador na unidade de Morfofisiologia do Sistema Nervoso, no IBMC (Instituto de Biologia Molecular e Celular do Porto).

Antes de mais é importante referir o que é a neurociência teórica. A neurociência

teórica não procura explicar toda a complexidade do cérebro em simultâneo, mas sim modelar os vários processos.

A neurociência teórica caracteriza-se principalmente pela aplicação de metodologias matemáticas e computacionais ao domínio da neurociência geral. Através desta abordagem é possível construir modelos quantitativos que permitem a realização de experiências que, por questões éticas ou técnicas, não podem ser realizadas no sistema biológico. A manipulação das variáveis intervenientes permite desenvolver novas questões que depois podem ser testadas na prática. Há portanto um continuum entre este campo e o restante da neurociência. O objectivo do curso era introduzir os participantes em algumas das metodologias da neurociência teórica e, para os interessados, aplicá-las a um problema específico, ou seja, utilizar modelos de redes neuronais para tentar responder a um problema específico.

A participação no curso superou as expectativas iniciais tendo sido preenchidas as 25 vagas limite (o mínimo estabelecido para abrir o curso eram 15 alunos) e já havendo interessados suficientes para a realização de uma segunda edição (o autor está portanto a pedir que lhe reservem já um lugar).

Talvez mais importante do que ter havido uma grande afluência de indivíduos, seja o facto de podermos ter cumprido um dos objectivos essenciais do Sociedade Portuguesa das Ciências Cognitivas: reunir pessoas de diferentes campos do conhecimento e facilitar o diálogo. Os participantes variavam em formação, sendo que as áreas mais representadas eram claramente a física, a matemática e a psicologia, seguidas de investigadores de várias outras áreas (por exemplo: design e gestão) e ainda, facto que muito nos agradou, a participação de alunas do curso de psicologia, que demonstraram não ficar atrás de nenhum licenciado quer em empenho, quer em assiduidade (quanto aos conhecimentos estavam todos os participantes em igualdade, uns porque estavam mais ligados à neurociência outros à física).

Com vista a melhorar iniciativas futuras foi efectuada uma avaliação do curso pelos participantes (aos quais desde já agradecemos a sinceridade e a disponibilidade de responderem às nossas questões). Os principais pontos positivos passaram pela clareza e qualidade da exposição do orador, Paulo Aguiar, e pelo preço da inscrição, já os pontos negativos (pelos quais nos responsabilizamos totalmente e esperamos vir a corrigir o mais brevemente possível) passaram pela falta de tempo para realização dos projectos individuais visto que o software utilizado nesta metodologia requer alguma prática, pela necessidade de em cursos futuros disponibilizar o material de apoio antes da iniciação do curso, pois permite uma abordagem mais aprofundada durante as aulas e por um aumento do número de horas do curso (vários participantes desejavam aprofundar conhecimentos em áreas específicas). Houve ainda vários outros pontos interessantes que foram referidos pontualmente e que serão considerados (possibilidade de realizar o curso noutras locais, fazer o mesmo curso com turmas mais homogéneas, incluir almoços ou ainda fazer cursos em outras áreas das neurociências)

Alguns participantes referiram que se sentiram algo perdidos pelo facto de que, num espaço de poucas horas, necessitavam de operar com um grande número de

conhecimentos, isto é, necessitavam de ser peritos em neurociência, psicologia, matemática, física, bioquímica, biologia e filosofia em simultâneo. Desde já pedimos desculpa, mas este é um problema que, provavelmente, nunca conseguiremos solucionar pois esta é uma das características das ciências cognitivas – reunir conhecimentos de inúmeras áreas para conseguir estudar um problema. No entanto, é no caminho percorrido para tentar solucionar essa questão que nos vamos juntando, discutindo e apreendendo uns com os outros.

Deixamos aqui uma palavra (várias!) de agradecimento ao Professor Doutor Paulo Aguiar pelo enorme empenho que revelou na leccionação do curso e da mesma forma agradecemos aos participantes pelo seu entusiasmo contagiante.

Nada mais temos a dizer excepto que estamos muito satisfeitos com a realização deste primeiro curso, e que pretendemos realizar mais. Pedimos também aos participantes e aqueles que estão interessados em participar em futuras edições, que nos contactem e continuem a enviar as suas opiniões para que possamos desenvolver cursos que vão ao encontro dos mesmos.



© Copyright, SPCC, 2006
<http://www.jcienciascognitivas.home.sapo.pt>